

NARRATIVAS DE (RE)EXISTÊNCIA



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

ALEXANDRE DA SILVA SIMÕES – CARLOS EDUARDO ORNELAS BERRIEL

CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO

DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN – IARA BELELI – MARCO AURÉLIO CREMASCO

PEDRO CUNHA DE HOLANDA – SÁVIO MACHADO CAVALCANTE

AMILCAR ARAUJO PEREIRA
(ORG.)

Narrativas de (re)existência

Antirracismo, história e educação

EDITORIA
UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

N167 Narrativas de re(existência): antirracismo, história e educação / organização: Amilcar Araujo Pereira. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2021.

1. Narrativas. 2. Antirracismo – Brasil. 3. História – Estudo e ensino.
4. Historiografia – Brasil. I. Pereira, Amilcar Araujo.

CDD – 410
– 305.800981
– 370.7
– 907.20981

ISBN 978-65-86253-89-4

Copyright © Amilcar Araujo Pereira
Copyright © 2021 by Editora da Unicamp

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas
neste livro são de responsabilidade do autor e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Impresso no Brasil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

SUMÁRIO

PREFÁCIO – <i>Sidney Chalhoub</i>	7
APRESENTAÇÃO, OU UM CHAMADO – <i>Amilcar Araujo Pereira</i>	11

PARTE I

DIFERENTES FACES DO ANTIRRACISMO PRODUZIDO PELA POPULAÇÃO NEGRA NO BRASIL

1 NARRATIVAS DE (RE)EXISTÊNCIA – <i>Conceição Evaristo</i>	23
2 NARRATIVAS DE (RE)EXISTÊNCIA E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA – <i>Amilcar Araujo Pereira</i>	49
3 DIVERSIDADE, REINVENÇÃO DA RESISTÊNCIA DEMOCRÁTICA E A TENSÃO REGULAÇÃO/EMANCIPAÇÃO DO CORPO E DA CORPOREIDADE NEGRA – <i>Nilma Lino Gomes e Isis Silva Roza</i>	77
4 BREVE PANORAMA DAS VOZES NEGRAS SOBRE POLÍTICA BRASILEIRA – <i>Ollie A. Johnson III</i>	103
5 IMAGENS, VOZES: NARRATIVAS NEGRAS NO AUDIOVISUAL CONTEMPORÂNEO – <i>Ana Carolina de Moura Delfim Maciel, Raquel Terto Rego e Samuel Silva Rodrigues de Oliveira</i>	123
6 INFÂNCIA COMO NARRATIVA E A NARRATIVA DA INFÂNCIA – <i>Renato Nogueira e Luciana Alves</i>	143

PARTE II
NARRATIVAS E A DIVERSIDADE DE (RE)EXISTÊNCIAS

7	NARRATIVAS COMO EVIDÊNCIA (HISTÓRICA E POLÍTICA) – <i>Verena Alberti</i>	173
8	INTEGRACIONISMO E GESTÃO INSTITUCIONAL DO ANTICIGANISMO NA EUROPA: UMA ANÁLISE DAS BARREIRAS À CONSTRUÇÃO DE UM SUJEITO POLÍTICO ROM – <i>Silvia Maeso e Cayetano Fernández</i>	197
9	AS MEMÓRIAS CONTADAS POR PIRAKUMAN YAWALAPITI, UM GRANDE CHEFE DO XINGU – <i>Felipe Milanez e Pirakuman Yawalapiti (in memoriam)</i>	231
10	OLHAR E ESCUTAR A HISTÓRIA LGBTQI+: VISIBILIDADE, AUDIBILIDADE E ALÉM – <i>Benito Bisso Schmidt</i>	251
11	INSURGÊNCIAS E (RE)EXISTÊNCIAS: NARRATIVAS E NARRADORES DA/NA HISTÓRIA ESCOLAR – <i>Ana Maria Monteiro e Luciana B. V. Correa</i>	269
12	PRÁTICAS DE LIBERDADE E DESAFIOS DEMOCRÁTICOS EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIAS DE VIDA E FORMAÇÃO DOCENTE EM ENTREVISTAS PÚBLICAS – <i>Juniele Rabêlo de Almeida, Everardo Paiva de Andrade, Daniela da Costa Rosas Rocha e Juliana de Souza dos Reis</i>	291
	SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES	317

PREFÁCIO

Sidney Chalhoub

Ao ler *Narrativas de (re)existência*, lembrei-me várias vezes de Toni Morrison e do modo como ela teoriza e demonstra a presença do racismo estrutural no cânone literário norte-americano do século XIX. Não há relação direta entre a presença (em geral reduzida) de temas raciais na superfície dos textos ficcionais e a forma como esse assunto estrutura as histórias contadas. Morrison afirma que o conceito de raça “é o fantasma da máquina literária” – pulsa nela sem parecer estar lá. Machado de Assis, grande pensador antirracista, fez da paródia dessa constatação o mote de sua literatura. Negro, passou a vida a inventar narradores que eram a própria expressão do supremacismo branco – Brás Cubas, Bento Santiago, Aires, para mencionar os mais famosos –, para então escarpelar-lhes o quengo com “a pena da galhofa e a tinta da melancolia”. Brás Cubas admirava Quincas Borba, filósofo parvo que, certo dia, ao chupar uma asa de frango, disse assim:

Mas eu não quero outro documento da sublimidade do meu sistema, senão este mesmo frango. Nutriu-se de milho, que foi plantado por um africano, suponhamos, importado de Angola. Nasceu esse africano, cresceu, foi vendido; um navio o trouxe, um navio construído de madeira cortada no mato por dez ou doze homens, levado por velas, que oito ou dez homens teceram, sem contar a cordoalha e outras partes do aparelho náutico. Assim, este frango, que eu almocei agora mesmo, é o resultado de uma multidão de esforços e lutas, *executados com o único fim de dar mate ao meu apetite*. (Grifo meu; capítulo CXVII)

Os temas do supremacismo branco estão encadeados aqui em vertigem: visão racializada da divisão internacional do trabalho, naturalização do tráfico de africanos escravizados, desvalorização do trabalhador, darwinismo social, eurocentrismo, colonialismo. Quincas Borba filosofava em estado de alienação mental. Brás Cubas achava tudo muito razoável. Machado de Assis expunha ao ridículo o racismo científico do período e suas ilusões de superioridade branca.

Narrativas de (re)existência me remeteu a outro autor querido, Marc Bloch, historiador, judeu, que lutou na resistência francesa contra os nazistas, acabou preso, torturado e executado pela Gestapo em 1944. Seu profundo e delicioso compêndio de introdução à história começa talvez com a mais desafiadora de todas as anedotas. Uma criança curiosa perguntara certa vez ao pai historiador: “Pai, para que serve a História?”. Bloch dizia haver escrito o livro em resposta à pergunta. Em certa altura do texto, Bloch reflete sobre o que os historiadores deveriam fazer diante da mentira. Ele pensava na mentira, como medievalista que era, num sentido material – por exemplo, documentos inteiramente forjados atribuídos a autoridades civis e religiosas. E faz então uma observação preciosa: a mentira é, à sua maneira, um testemunho. Quer dizer, feito o trabalho crítico de revelar a produção de falsidades, pode-se aprender muito sobre ideologia, cultura, sociedade e política interrogando-se a respeito das motivações da balela, da forma dela, a quem se endereçava, que consequências tivera.

Nesse ponto, vê-se bem o tamanho do desafio enfrentado em *Narrativas de (re)existência*. Uma busca simples no Google resulta em mais de 120 mil ocorrências para a expressão “disputa de narrativas”. Está em toda parte. De forma mais conspícua na política, narrativa virou sinônimo de versão elaborada, ou inventada, para produzir determinado efeito – quer dizer, para ser disseminada nas redes sociais e prevalecer sobre outras versões. Nessa acepção, a ideia de narrativa se descolou inteiramente de qualquer compromisso com enunciados verdadeiros – ou seja, com enunciados cuja plausibilidade possa ser sustentada por um discurso de demonstração e prova, pelo esforço sistemático de

apresentação de evidências, por procedimentos informados pela crítica, pela dúvida metódica, pela possibilidade do erro e da correção de rumos. O surgimento das condições materiais para a reprodutibilidade virtual instantânea e infindável dos discursos solapou o conteúdo crítico original da noção de narrativa. O vocábulo foi raptado pela falsidade ideológica e pelo terraplanismo epistemológico.

Esta coletânea, obra de professores e professoras, traz a ideia de narrativa de volta ao mundo do conhecimento. E o faz de várias formas. Há aqui esforços para dar visibilidade ao racismo estrutural presente historicamente em boa parte de nossa tradição literária, currículos escolares, políticas públicas. Reflete-se sobre concepções estigmatizantes que informam às vezes, intencionalmente ou não, a forma de conceber equipamentos culturais, políticas sobre minorias étnicas, maneiras de lidar com a diversidade de gêneros, com resistências e afirmações de liberdade de vários tipos. Talvez mais fascinante, ao menos para este que lhes escreve, historiador social por teimosia e opção política, há aqui belíssimas páginas em que falam pensadoras e pensadores indígenas, negras e negros, ciganos, LGBTQI+, feministas. Falam professoras e professores. Dizem de sua luta cotidiana para construir uma educação antirracista, para transformar a sala de aula num espaço de produção de conhecimento, para incentivar a expressão livre do pensamento e da crítica, para fomentar solidariedade, justiça social, respeito mútuo e valorização da vida e do planeta. No mundo atual, são vozes insubmissas, resilientes, indispensáveis. Vozes de conhecimento, vozes docentes.

Sidney Chalhoub é professor do Departamento de História da Universidade de Harvard. Professor titular aposentado da Unicamp, onde lecionou de 1985 a 2015.

APRESENTAÇÃO, OU UM CHAMADO

Amilcar Araujo Pereira

Um chamado¹

Escrevo essas linhas sem medo de como você pode interpretar
Um chamado, tá tudo acordado, o bonde tá forte nós veio cobrar
Do ouro ao conhecimento não vai ter lamento e eu vou te mostrar
Minha história é contada oralmente, não adiantou cê querer apagar
De boca a boca nós vamo contando um levante a armando para dominar
Seus livros, seus filmes, sua casa, seus filhos e a televisão que cê vê no seu lar
Mexendo com gentes, plantando sementes, germinando mentes, logo vai brotar
Vai virar floresta, não vou deixar fresta pra minha história você contestar
Entre nas escolas e nas faculdades, igrejas não vão mais me silenciar
Aqui não é teu culto nem congregação, nessa mata fechada cê não vai entrar
Fazendo esse alarde pois não sou covarde, não vai nem dar tempo o plano tá em ação
É ação direta, sai da minha reta, é mais do que só gritar revolução
Sou psicopreta, tomei sua caneta, sou bem mais que teta, bunda e corpão
Sou mente afiada, festa tá armada, fogos de artifício, segura o rojão

Bia Ferreira, 2019

Resistir e (re)existir são verbos acionados com grande frequência pelas populações negras, indígenas, roma (ciganas), entre outras, ao longo do tempo em que se estabelece, a partir do século XVI, o que Anibal Quijano chamou de “um novo padrão de poder mundial”, o “capitalismo colonial/moderno e eurocentrado”. A narrativa de (re)existência

¹ A poesia cantada “Um chamado”, de autoria de Bia Ferreira, faz parte do primeiro disco da cantora, intitulado *Igreja Lesbiteriana, Um Chamado*, lançado em 13 de setembro de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kvAklG2bfm-g&feature=emb_log>. Acesso em 29/11/2020.

apresentada na poesia cantada pela jovem e brilhante ativista e artista Bia Ferreira, citada acima, é um ótimo exemplo de como a juventude negra brasileira, muito em função das políticas de ação afirmativa para o ingresso da população negra nas universidades, tem mais do que resistido ao racismo, tem afirmado sua (re)existência por meio de sua produção intelectual e cultural “nas escolas e nas faculdades”.² A juventude negra brasileira tem feito “um chamado” efusivo na luta antirracista, que precisamos compreender, como partes de uma sociedade que se quer democrática.

Este livro traz algumas contribuições para o debate sobre a importância das narrativas de (re)existência na história e para a educação na atualidade, privilegiando especialmente a discussão sobre o antirracismo, por diferentes perspectivas. A ideia de organizar este livro nasceu da realização de um evento que coordenei na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), entre os dias 25 e 27 de setembro de 2019 – o XIII Encontro Regional Sudeste de História Oral, da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), que teve como título “Narrativas de (re)existência: corpo-oralidades, antirracismo e educação”. Acho importante destacar aqui que, naquele contexto histórico, em que pela primeira vez em mais de 20 anos nenhum apoio das instituições governamentais de fomento à pesquisa foi concedido para a ABHO organizar seu evento regional sudeste, sua realização foi em si uma narrativa de (re)existência. Essa narrativa de (re)existência não teria sido possível sem muitas ajudas de colegas da UFRJ e de outras instituições, alguns tendo inclusive contribuído financeiramente com suas verbas pessoais de pesquisa para que pudéssemos adquirir materiais de consumo e passagens aéreas para viabilizar o evento. Mas preciso fazer

² Segundo artigo publicado com resultados de uma ampla pesquisa realizada no ano de 2018, a maior conquista histórica da luta antirracista, na perspectiva da atual militância negra no Brasil, é justamente a política de cotas para negros nas universidades. Ver: A. A. Pereira; J. L. Maia & T. C. S. de Lima. “Os ‘rolês’ do Movimento Negro brasileiro na atualidade, nas ‘pegadas’ da educação”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 75, abr. 2020, pp. 162-183.

um agradecimento público às estudantes do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Antirracista (Gepear-UFRJ), por mim coordenado. Essas jovens de “mente afiada” fizeram mais que um chamado, colocaram a mão na massa e puseram “de pé” o nosso evento, com muita “raça”: Douglas de Jesus Gonçalves; Fernanda Nascimento Crespo; Jessika Rezende Souza; Joana Elisa Costa Oscar; Natália Barbosa da Silva; Odara Dias Philomena; Priscilla Marques Campos e Thayara C. Silva de Lima. Sem essas pessoas na linha de frente, não teria havido o evento e provavelmente não existiria agora este livro.

Embora a maior parte dos capítulos deste livro tenha sido elaborada por pessoas que apresentaram seus trabalhos de pesquisa nas mesas-redondas e conferências realizadas ao longo do evento, é importante dizer que somente os dois primeiros capítulos são novas versões, revistas e ampliadas, dos textos que foram ali apresentados: o primeiro capítulo é uma versão da transcrição da Conferência de Abertura, proferida por Conceição Evaristo, e o segundo capítulo é uma versão da Conferência de Encerramento, por mim apresentada. Todos os demais textos que compõem o livro são inéditos e foram elaborados após o evento. Os debates e as participações ao longo do XIII Encontro Regional Sudeste de História Oral foram tão ricos e instigantes que resolvemos convidar alguns colegas, renomados/as especialistas em suas áreas de atuação, para se unirem a nós num esforço para construirmos juntos um livro ainda mais amplo, com discussões fundamentais que não foram abordadas durante o evento e que tornam possíveis as diversas narrativas de (re) existência que você vai encontrar a seguir.

Há neste livro uma evidente ênfase na utilização da metodologia da história oral em diversos trabalhos de pesquisa acadêmica. Como disse antes, a metodologia da história oral tem sido muito importante, ao longo das últimas décadas, para a construção das histórias das diversas lutas sociais no Brasil. Movimentos articulados em torno de dimensões sociais como raça, gênero e sexualidade, entre outras, têm sido estudados e mais bem conhecidos graças às narrativas de (re)existências produzidas em entrevistas que compõem projetos de pesquisa em áreas como a História,

as Ciências Sociais e a Educação.³ É bom lembrar o que diz Bia Ferreira na poesia citada acima: “Minha história é contada oralmente, não adiantou cê querer apagar”. As memórias e as histórias de sujeitos políticos na luta por igualdade, como negros e negras, mulheres, LGBTQIA+, por exemplo, mostram-se potentes no sentido de contribuir tanto para a produção de conhecimentos sobre a sociedade, realizada nas universidades, como para a construção de uma educação democrática e antirracista, que trate com respeito e qualidade acadêmica as diversas dimensões sociais presentes nos currículos e nas escolas brasileiras. Diferentes corpo-oralidades estão cada vez mais presentes nas universidades e em outros espaços de produção de conhecimentos, como as artes em geral e a música em especial, contribuindo para educar a sociedade brasileira para a igualdade e o respeito às diferenças.

Em função da riqueza e da diversidade de narrativas aqui apresentadas, o livro foi dividido em duas partes, sendo a primeira dedicada às várias formas de pensar o antirracismo no Brasil, pelas perspectivas da população negra. Nela você encontrará narrativas literárias, históricas, políticas (pensando a política institucional), audiovisuais e até “criancistas”, sempre tomando o protagonismo da população negra como ponto de partida para a discussão sobre as diversas possibilidades e contribuições para a construção de uma educação antirracista e democrática na sociedade brasileira. Assim, o primeiro capítulo é a própria transcrição, revisada e ampliada pela autora, da Conferência de Abertura que deu o tom do evento, feita por Conceição Evaristo, uma das maiores escritoras brasileiras. Conceição fez questão de dizer logo no início de sua conferência: “afirmo que a minha condição de mulher negra na sociedade brasileira marca a minha escrita: tanto a literária como a ensaística”. Sua brilhante e emocionante conferência, absolutamente marcada por uma poética antirracista, convida e inspira a retomar “a práxis quilombola como paradigma de luta”.

³ Ver: *Anais do XIII Encontro Regional Sudeste de História Oral. Narrativas de (re) existências: corpo-oralidades, antirracismo e educação*. Coordenação de Amílcar Araujo Pereira. Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, UFRJ. ABHO, 2019.

O segundo capítulo, escrito com base no texto que apresentei como Conferência de Encerramento do evento, parte de uma crítica ao “capitalismo colonial/moderno e eurocentrado”, mencionado acima, fundamentado no racismo, para discutir as relações raciais no Brasil, as narrativas de (re)existência da população negra e seu potencial educativo, tomando como exemplo as lutas do Movimento Negro no âmbito da política institucional e, mais especificamente, no Conselho Nacional de Educação (CNE).

Já o terceiro capítulo, escrito por Nilma Lino Gomes e Isis Silva Roza, aborda o caráter emancipatório da diversidade na resistência democrática em tempos de retrocessos de direitos. Para as autoras, dentro do grande leque de possibilidades analíticas que a discussão da diversidade comporta, as lutas por emancipação da população negra brasileira configuram-se como um ponto central. Nesse contexto, a problemática do corpo e da corporeidade negra como processos de emancipação social e racial é destacada, a fim de contribuir com a reflexão sobre a questão racial no Brasil.

Ollie A. Johnson III, autor do quarto capítulo, analisa a situação dos negros brasileiros por meio da revisão de pesquisas recentes realizadas sobre o tema, utilizando também a metodologia da história oral para discutir – com base em entrevistas realizadas com Mario Theodoro, Oraide Abreu e Cícera Bezerra de Moraes – aspectos da vida de três negros ativistas e intelectuais que têm trabalhado há muitos anos, no âmbito governamental, por mudanças positivas no cenário brasileiro.

O quinto capítulo, escrito por Ana Carolina Delfim Maciel, Raquel Terto e Samuel Oliveira, concentra-se nas análises sobre três produções audiovisuais do cinema negro contemporâneo: *Nosso sagrado*, da Quiprocó Filmes (2017), *Mar de elas*, da Coletiva Mulheres de Pedra de Guaratiba (2018), e *Cabeças falantes*, de Natasha Santos (2018), todas elas apresentadas, seguidas de debate com o/a cineasta numa sessão especial do evento que deu origem a este livro. As produções são analisadas também por meio de entrevistas de história oral feitas com os cineastas

Jorge Santana, Isabel Godoi (representante da Coletiva Mulheres de Pedra de Guaratiba) e Natasha Santos.

Fechando a primeira parte do livro, o sexto capítulo, escrito por Renato Nogueira e Luciana Alves, trata da narrativa da infância ou da infância como narrativa, trazendo referenciais teóricos e filosóficos de origem europeia e africana, mais especificamente bantu-kongo, revelando formas de pensar a infância de uma perspectiva que eles chamam de “criancista” e afroperspectivista, que emociona ao propor novos paradigmas para a infância e para a própria narrativa, “modo humano de existir”. Como eles dizem: “Recorremos, na presente reflexão, às narrativas das infâncias e às infâncias como narrativas para o mergulho nas esferas de sonhos e sentidos insuflados nas produções de mundo emergentes cotidianamente nos recreios em nossas escolas”.

A segunda parte do livro traz uma diversidade de possibilidades de discussões sobre as narrativas de (re)existência. Possibilidades que partem da própria ideia de “narrativa como evidência”, passam por narrativas de povos roma (ciganos), na Europa, de uma liderança indígena no Brasil, de pessoas LGBTQI+ presentes na historiografia sobre a temática e que terminam com as narrativas de professores/as em seu trabalho educativo com o ensino de história. Abrindo a Parte II do livro, Verena Alberti, ao alertar sobre a importância da “verdade histórica”, baseada em evidências e pesquisas científicas, e também sobre os usos políticos das narrativas promovidos por governos e instituições, afirma, no capítulo 7, que as “mudanças de narrativa são indícios para conhecer as sociedades que as produzem”. Para elucidar e fortalecer seus argumentos, Verena apresenta dois exemplos emblemáticos de mudanças de narrativas realizadas nos últimos anos em dois lugares de memória na Europa: a exposição permanente do Museu da Segunda Guerra da cidade de Gdansk, na Polônia, e a história do pintor alemão Emil Nolde, discutida na exposição “Emil Nolde, uma lenda alemã – o artista durante o regime nazista”, que esteve aberta de abril a setembro de 2019, no Museu Hamburger Bahnhof, em Berlim.

O oitavo capítulo, escrito por Silvia Maeso e Cayetano Fernández, traz uma discussão, ainda pouco conhecida no Brasil, sobre a luta antirracista protagonizada pelos povos Rom, que são chamados de ciganos na Europa, especificamente na Espanha e em Portugal, onde, segundo os autores, o “anticiganismo é um modo de dominação racial estrutural que institucionaliza uma relação de poder específica entre o povo Rom e a população branca”. Nesse capítulo, podemos conhecer aspectos da história do movimento político romani e do debate sobre a “integração” ou não do povo Rom na Europa.

O capítulo 9 é a autobiografia de uma importante liderança indígena no Brasil. Felipe Milanez entrevistou o líder indígena xinguano e servidor da Funai Pirakuman Yawalapiti, apresentou o contexto da entrevista e uma “transcrição” desta – o que, segundo ele, significa que “em vez de publicadas como entrevistas, elas seriam transcritas, editadas, revisadas por seus autores, acrescidas de novas informações e organizadas na forma de um testemunho biográfico”.

O décimo capítulo do livro, escrito por Benito Bisso Schmidt, discute o papel das narrativas imagéticas e, sobretudo, orais na construção da historiografia LGBTQI+. Após realizar análises da própria historiografia sobre o tema, Benito propõe que, “ao examinarmos narrativas orais e visuais, possamos ampliar a potência da chamada perspectiva *queer*, pensando o termo não só como adjetivo que define sujeitos e experiências: pessoas *queer*, vivências *queer*, universo *queer* [...], entre outras expressões, mas também, e sobretudo, como verbo, como ação de *queerizar* nossa visão do mundo e do conhecimento histórico”.

Os dois últimos capítulos do livro são dedicados à área da educação, mais especificamente ao ensino de história. No capítulo 11, de Ana Maria Monteiro e Luciana B. V. Correa, tendo como pressuposto a docência como “lugar de autoria”, “reconhecendo esse espaço como lugar de produção de conhecimentos”, elas discutem a questão dos saberes específicos produzidos por professores/as no ensino de história, compreendido como “lugar de fronteira” entre história e educação, “no qual são articulados saberes para tornar possível a atribuição de sentidos aos conteúdos

ensinados”. Ao longo do capítulo são apresentados encaminhamentos e resultados dos usos da metodologia da história oral em pesquisas realizadas no Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de História e Formação de Professores (Gehprof), integrante do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino de História (Lepeh/UFRJ), ambos coordenados por Ana Maria Monteiro, referência nacional e internacional nos debates sobre o ensino de história.

No último capítulo, o décimo segundo, Juniele Rabêlo de Almeida, Everardo Paiva de Andrade, Daniela da Costa Rosas Rocha e Juliana de Souza dos Reis discutem a “dimensão pública, coletiva e dialógica da história oral, como uma prática de liberdade” e apresentam as entrevistas de história oral que foram reunidas, catalogadas e analisadas como “narrativas autobiográficas na forma de memoriais e entrevistas públicas de professores de história, vivendo diferentes momentos de vida e formação”, que estão disponíveis no acervo intitulado Trajetórias Docentes, coordenado por Juniele e Everardo e que é parte do Laboratório de História Oral e Imagem (Labhoi) da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Encerro esta apresentação do livro da mesma forma que encerramos o XIII Encontro Regional Sudeste de História Oral, “Narrativas de (re)existência: corpo-oralidades, antirracismo e educação”, no dia 27 de setembro de 2019, passando a palavra para o jovem poeta negro e doutorando em Educação no PPGE-UFRJ William Melo, mais conhecido como W-Black,⁴ que protagonizou a realização de um *Slam* de Poesia,

⁴ William Melo é nascido e criado no Morro dos Macacos, em Vila Isabel, zona norte do Rio de Janeiro. É professor de ciências da rede municipal de educação de Maricá (RJ), mestre e doutorando em Educação no Laboratório de Pesquisa em Oportunidades Educacionais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (LaPOPE/UFRJ), atua como professor-pesquisador da Uniperiferias e foi colunista fixo do jornal *Voz das Comunidades*.

Criador da #cienciaodoafeto (metodologia para elevação do clima escolar positivo com foco na perspectiva antirracista, para reconstrução de expectativas e maximização dos potenciais de jovens negros, sobretudo meninos).

No campo artístico, atua com o nome W-Black. É *rapper* pela gravadora 360k Estúdio, produtor do *Slam* Vila Isabel e poeta.

como a atividade cultural de encerramento do evento, no Salão Pedro Calmon da Universidade Federal do Rio de Janeiro. W-Black enviou sua contribuição para este livro, uma poesia que trata de disputas de narrativas, fruto de sua “mente afiada” e que expressa aspectos de sua realidade como morador do Morro dos Macacos, professor de ciências numa escola pública e doutorando em Educação na UFRJ, “Mexendo com gentes, plantando sementes, germinando mentes, logo vai brotar...”:

Disputas

Pintaram o caveirão de branco e agora...
Ele já combina com a cor de quem nos mata
A branquitude escolheu armas de fogo
Eu prefiro... a flecha de Oxóssi, da mata.

Quando eu falo que a escola disputa vidas
Eu queria que isso fosse só um jogo
Mas num jogo o resultado varia
Aqui... A peça preta caiu de novo

E a porra desses dados que não mudam!
Passa ano, passa ano, passa ano...
E apoia o genocídio quem costuma...
Passar pano, passar pano, passar pano

Tipo assim: um moleque preto e pobre na favela numa escola com geral
desmotivado
Chega no ensino médio e o menino abandona a escola
Mas antes, ele foi abandonado

Em plena pandemia mundial,
é ironia que um presidente não confie na Ciência
E com proibição judicial
Teve operações e consequências

Entraram no Macaco, acertaram o moleque
E tem gente no mundo da Lua
Que mesmo quando inocente morre baleado diz:
“É culpa dele por tá na rua”.

É aí é que ganha força de discurso
Quando eu falo que a escola e o rap educa
É muito mais que uma briga por pessoas...
São narrativas em disputa.

Tô disputando com o mercado de trabalho
Tô disputando com o pastor Valdemiro
Que a ardência no peito seja até ansiedade...
Nunca tiro.

A escola sempre diz:
“Tá vendo esses alunos brancos, sua trajetória não vai longe igual a deles”
Se hoje eu tô no doutorado
Quer dizer que eu venci os filtros da Educação... 5 vezes!

“Oh W-Black, ouvi falar que tu se esforça
pra acompanhar os seus alunos... um a um...”
Se eu venci cada barreira desse jogo
Minha luta hoje é que não seja um Resta Um.

Por isso a “Ciência do Afeto”, Afeto na Ciência
A motivação dos menó preto é que me move
E se pedirem referência do que me mantém em movimento...
Hip Hop.

W-Black, 2020